

Insegurança cultural

Por Rudesindo Soutelo (*)

Paradoxalmente não existe uma definição global e universal para o termo ‘globalização’. O que para uns tem a ver com questões meramente económicas, outros centram nos fluxos financeiros e ainda há os que se focam nos aspetos políticos e jurídicos. Daniele Conversi afirma que a globalização cultural é a forma mais visível e real de todas, já que progride na destruição global removendo todas as barreiras e proteções tradicionais¹. Talvez pudéssemos definir a globalização com as palavras de Nietzsche quando, nas *Considerações inatuais*, descreve “um sistema de incultura ao qual se poderia conceder certa unidade estilística, enquanto ainda tem sentido falar em barbárie estilizada”².

No *Le Monde Diplomatique* de agosto de 2011, Frédéric Lordon escreve: “No princípio as coisas eram simples: havia a razão e depois havia a doença mental. Os seres dotados de razão tinham estabelecido que a globalização era a realização da felicidade; todos os que não tinham o bom gosto de acreditar nela deviam ser internados”³. Mas existe verdadeiramente a globalização, o que poderíamos chamar uma comunicação horizontal entre os países, sociedades, culturas ou grupos étnicos onde os contactos se produzem em condições de igualdade? Conversi afirma que o processo é mais bem piramidal, com um reduzido número de indivíduos na cúspide –praticamente todos usa-americanos– a definirem os modelos que logo se impõem ao resto da humanidade⁴. Pirâmides que também existem nos países e sociedades para homogeneizar a sua fatia de soberania.

“A arte sem sonho, produzida para o povo, realiza aquele idealismo so-

nhador que parecia exagerado ao idealismo crítico”⁵, proclamava Adorno em *Indústria cultural e sociedade*.

A ‘globalização feliz’ que a indústria de Hollywood espalhou após a Segunda Grande Guerra, é hoje a realidade cultural na que acredita um grande número de pessoas em todo o mundo, pois, a socialização das novas gerações foi ‘americanizada’, no sentido que Conversi lhe atribui ao termo como a forma mais superficial, incoerente, parcial e fraca, tal como uma imitação ou aparência de algo cujo valor nem sequer se entende ou como a difusão de aspetos banais e comerciais de produtos industriais americanos e de consumo maciço⁶. Mas essa escolha não foi livre, antes foi a imposição de políticas culturais centralizadas baseadas no que Georg Soros denomina fundamentalismo do mercado, cujo paradigma dominante assentava na teoria de que os mercados financeiros tendem ao equilíbrio, até que a crise de 2008 demonstrou a falsidade dessa premissa⁷.

Curiosamente, a nação que mais promove o desregulamento dos mercados e beneficia da globalização cultural, Usamérica, é a que adota mais medidas protecionistas para evitar que as outras culturas entrem maciçamente no seu mercado interno.

A cultura é adquirida, não herdada, e segundo Geert Hofstede, é uma programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas face a outro⁸. Hoje, a juventude de todo o mundo vê os mesmos filmes, ouve a mesma música, partilha a mesma rede social e, ainda, come e veste a mesma qualidade homogénea de lixo. As suas

culturas originárias foram banidas do mercado e não existem laços de co-opeção, o que os transforma em indivíduos aculturados no seu próprio grupo social. Este êxito da cultura invasora e homogeneizadora, que amplia assim o seu mercado, não está isento de conflitos porque, como nos lembra Lévi-Strauss, quanto mais homogénea se torna uma sociedade, mais visíveis serão as linhas internas de separação, mas também porque “o progresso só se verificou a partir das diferenças”⁹.

Quando se ameaça a cultura, o modo de vida e o sentido de continuidade dum grupo, percebe-se como um sentimento de insegurança cultural que pode gerar uma crescente mobilização coletiva, uma reivindicação de soberania ou um nacionalismo que responda a agressão¹⁰. A globalização foi o sonho totalitário do capitalismo ultraliberal, o fundamentalismo do mercado livre que trocou a luta de classes em divisão e antagonismo dos trabalhadores de países ricos e pobres por mor da deslocalização de empresas. Quanto à tecnologia, Adorno também foi esclarecedor: “A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o carácter repressivo da sociedade que se autoaliena”¹¹.

São cada dia mais as vozes que reclamam uma urgente desglobalização e desamericanização, para restaurar a soberania dos povos e promover o contacto, em pé de igualdade, entre países, sociedades, culturas, línguas e grupos étnicos numa verdadeira internacionalização da cultura; eliminando o sentimento de

insegurança e construindo o que o filósofo Boaventura de Sousa Santos define como o “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”¹².

(*) da Academia Galega da Língua Portuguesa. Compositor e Mestre em Educação Artística.

© 2011 by Rudesindo Soutelo

(<http://www.soutelo.eu>)

(Vila Praia de Âncora: 17-VIII-2011)

¹ Conversi, D. (January de 2004). *Americanization and the planetary spread of ethnic conflict: The globalization trap*. Obtido em 15 de Agosto de 2011, de Permanent forum on Cultural Pluralism: http://www.planetagona.org/english/theme4_suj2_note.html

² In Adorno, T. W. (2010). *Indústria cultural e sociedade*. (J. M. Almeida, Ed.) São Paulo: Paz e Terra, p. 19.

³ Lordon, F. (Agosto de 2011). A desglobalização e os seus inimigos. *Le Monde diplomatique*, pp. 2-3.

⁴ Conversi, D., *op. cit.*

⁵ Adorno, T. W. (2010). *Indústria cultural e sociedade*. (J. M. Almeida, Ed.) São Paulo: Paz e Terra, p. 14.

⁶ Conversi, D., *op. cit.*

⁷ Soros, G. (2008). *Um novo paradigma para os mercados financeiros*. (L. Boldrini, & P. Migliacci, Trads.) Agir Editora: Rio de Janeiro, p. 183.

⁸ Hofstede, G. (2003). *Culturas e Organizações. Compreender a nossa programação mental*. Lisboa: Sílabo, p. 19.

⁹ Lévi-Strauss, C. (2010). *Mito e significado*. (A. Bessa, Trad.) Lisboa: Edições 70, pp. 31-32.

¹⁰ Conversi, D., *op. cit.*

¹¹ Adorno, T. W. (2010). *Indústria cultural e sociedade*. (J. M. Almeida, Ed.) São Paulo: Paz e Terra, p. 9.

¹² Santos, B. d. (2002). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (4ª ed., Vol. 1). São Paulo: Cortez, p. 71.

Publicado em:

A Aurora do Lima (Viana do Castelo), Ano 156 nº 68, 5-X-2011, p. 7

As Artes entre as Letras (Porto), (<http://www.artesentreasletras.com.pt>)

PGL (Galiza), (<http://www.pglingua.org/opiniom/artigos-por-autorases?func=listado&catid=3&autor=204>)

Estudo Geral (Lisboa), (<http://luis-eg.blogspot.com/search/label/Rudesindo%20Soutelo>)